



Catálogo Estilos de Narração

Da Capo



Os Estilos



Estilo “Documentário”

Baseado em fatos.
Assuntos não íntimos
3a pessoa (ela, ele)



Estilo “Conto”

Baseado em fatos.
Assuntos íntimos
1a pessoa (eu, nós)



Estilo “Crônica”

Baseado em sentimentos,
sensações.
Assuntos não íntimos
3a pessoa (ela, ele)



Estilo “Livro Aberto”

Baseado em sentimentos,
sensações.
Assuntos íntimos
1a ou 3a pessoa

O estilo “Documentário”

- A narrativa evita fatos íntimos e se concentra na história central;
- O texto descreve a realidade tal como é ou era, de forma fiel e didática, incluindo fatos históricos relevantes;
- Os fatos descritos normalmente são relatados de forma temporal e linear;
- Não envolve nenhum tipo de artifício dramático para agregar valor a história;
- A história é escrita na 3ª pessoa.



Exemplo estilo “Documentário”

(Extraído do artigo : Linha do tempo : conheça a história da Coca-Cola Brasil. 2016. Disponível em :

<https://www.cocacolabrazil.com.br/historias/historia/linha-do-tempo--conheca-a-historia-da-coca-cola-brasil>)

1941

Durante a Segunda Guerra Mundial, o então presidente da The Coca-Cola Company, Robert Woodruff, fez uma promessa às Forças Armadas dos Estados Unidos: os soldados americanos teriam sempre uma Coca-Cola gelada por perto para matar a sede e ao preço de 5 cents — independentemente do custo para a empresa. Assim, em 1941, a Coca-Cola fabricou em Recife o seu primeiro refrigerante em solo brasileiro.

A capital de Pernambuco formava, junto com Natal, o chamado “Corredor da Vitória”, parada obrigatória das embarcações e outros veículos militares que rumavam para a Europa em guerra. A Coca-Cola usou as instalações da fábrica de água mineral Santa Clara, que existe até hoje. Depois foram instaladas minifábricas (kits com equipamentos básicos para produção de refrigerante) em Recife e Natal.

1942

A primeira fábrica constituída no país pela Coca-Cola Brasil foi inaugurada em São Cristóvão, à época um importante polo industrial do Rio de Janeiro. Em 18 de abril de 1942, foram produzidas as primeiras unidades — garrafinhas de 185ml, as únicas disponíveis. O concentrado e o gás vinham dos EUA. No ano seguinte, em 1943, a Coca-Cola Brasil inaugurou sua primeira filial no país, em São Paulo. Os brasileiros ainda se acostuariam com o sabor único da Coca-Cola.

1945

O ano de 1945 foi fundamental para a Coca-Cola no Brasil: foi estabelecido o sistema de franquia, que já era um grande sucesso nos Estados Unidos desde o início do século. A primeira autorização para a fabricação do produto foi concedida à Industrial de Refrescos, do Rio Grande do Sul, seguida pela Spal Indústria Brasileira de Bebidas, de São Paulo. Com o fim da Segunda Guerra no mesmo ano, estava aberto o caminho para a expansão da marca no Brasil. Publicitário da McCann Erickson na época, o escritor Guilherme Figueiredo criou um dos primeiros slogans brasileiros da marca:

“Coca-Cola borbulhante, refrescante, 10 tostões”.

Figueiredo também procurava exibir famosos da época bebendo o refrigerante diretamente do gargalo, uma inovação nos hábitos brasileiros.

O estilo “Conto”

- História contada em primeira pessoa (eu/nós);
- Pode envolver fatos íntimos relevantes pela proximidade da narrativa em primeira pessoa;
- Texto voltado para a história, não para o personagem, embora seja ele que a conte;
- O personagem descreve a realidade tal como é ou era, de forma fiel e didática, incluindo fatos históricos relevantes;
- Não envolve nenhum tipo de artifício dramático para agregar valor a história;



Exemplo estilo “Conto”

(Extrato do livro : ISDELL Neville. **Nos bastidores da Coca-Cola**. São Paulo : Editora Prumo,2011.

“Passei o outono de 1976 na Harvard Business School, na minha segunda visita aos Estados Unidos - a primeira visita fora para um treinamento em Atlanta, no mesmo ano. Fiquei imediatamente impressionado com o tamanho e a sofisticação daquele país. Harvard representou um grande progresso para mim, um bilhete de entrada em um mundo do qual não sabia nada. Eu estava lá para um curso intensivo de contabilidade e finanças, já que não tinha formação alguma nessas

areas. Apesar de ter sido o responsável pelos livros contábeis dos nossos negócios na Zâmbia, eu não passava, por assim dizer, de um autodidata.

Eu era o mais jovem da turma, e minhas qualificações e experiência nem chegavam aos pés dos meus colegas. A maioria estava lá para um curso de administração de quinze semanas na Harvard University. Quando voltasse, seria promovido a diretor de marketing para a divisão do sul da Africa, outro grande avanço para mim.

Pouco antes de partir para a Harvard University, meu pai faleceu na Irlanda do Norte. Minha mãe tinha falecido antes dele. Depois da morte da minha mãe, meu pai se casou com a viúva de Paddy Greene, o colega que nos recebeu na estação de trem em 1954, quando chegamos à Zambia. Paddy morrera de ataque cardíaco ainda jovem, e meu pai ajudou a criar dos seus dois filhos, que foram verdadeiros irmãos adotivos. Ainda somos bons amigos e sou padrinho da Marie, filha de um deles.”

O estilo “Crônica”

- A narrativa trata de acontecimentos gerais no cenário econômico, político e social;
- O tom carrega o sentimento do contexto, no viés da história central;
- Texto não sensacionalista;
- Pode ser temporal ou atemporal;
- Pode envolver citações de notícias ou declarações;
- A história é escrita na 3ª pessoa.



Exemplo estilo “Crônica”

(Extrato do livro : Leonencio Nossa. **O poder está no ar**. Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, 2019.)

“Em março de 1937, os jornais comunistas alertaram que os integralistas preparavam um massacre de personalidades públicas que se opunham ao PCB a fim de criminalizar o partido. Sem suas camisas verdes, os integralistas invadiram, na Noite de São Bartolomeu, as residências de Roberto Marinho, Maurício Lacerda, Café Filho e José Eduardo Macedo para executá-los, uma referência ao massacre de protestantes ocorrido na França em 1572. O suposto plano definia que, após o massacre, os integralistas espalhariam na cidade

a notícia de que chacina fora ordenada pela Komintern. O plano de massacre não se concretizou, mas o clima de violência política se manteve. Num domingo de outono daquele ano, Roberto Marinho chegou, acompanhado de Lourival Fontes, ao Hipódromo da Gávea para o Grande Prêmio da Cidade do Rio de Janeiro, uma corrida de automóveis. Antes de passar pelo portão, ele foi abordado de forma brusca por um investigador de polícia, Albertino Soares, subordinado de Filinto Müller. O caso foi parar na delegacia.

Os jornais saíram em defesa de Marinho, tratando o episódio como um “brutal agressão” ao empresário.

Até hoje não se conhecem os motivos do incidente. É fato que, naquele momento, Roberto Marinho, um aliado dos Aranha, estava em posição contrária à do chefe da Polícia do Distrito Federal. Filinto Müller era uma engrenagem da repressão que estava sendo montada por Vargas. O jornal *A Batalha*, agora de linha anticomunista, publicou que o diretor do *Globo* foi recebido pelo agente com palavrões e ameaças de morte. Roberto teria apenas lhes estendido a mão num cumprimento. “

O estilo “Livro Aberto”

- A narrativa aborda e explora assuntos íntimos relacionados com a história central;
- Pode envolver fatos da vida privada e das emoções dos personagens;
- Pode envolver descrições detalhadas e subjetivas, para expressar o sentimento vivido no momento;
- Pode ser temporal ou atemporal;
- Possui carga emocional;
- A história é escrita na 1a ou 3a pessoa.



Exemplo estilo “Livro Aberto”

(Extrato do livro : Michelle Obama. **Minha História**. São Paulo : Editora Objetiva, 2018.

“Tia Robbie, por sua vez, fazia de sua parte da casa um mausoléu, a mobília coberta por plástico protetor, um material frio que grudava nas minhas pernas nuas quando eu tinha coragem de me sentar. As prateleiras eram cheias de bibelôs de porcelana que não podíamos tocar. Eu deixava minha mão pairar sobre um conjunto de poodles de vidro com expressões dóceis — uma mãe de aparência delicada e três filhotes minúsculos — e depois a retirava, com medo da ira de Robbie.

Quando não havia aula de piano, o primeiro andar era tomado por um silêncio mortal. A TV e o rádio nunca eram ligados. Não sei nem se os dois conversavam muito ali embaixo. O nome completo do marido de Robbie era William Victor Terry, mas por alguma razão, só o chamávamos pelo último sobrenome. Terry era como uma sombra, um homem de aparência distinta que usava terno completo todos os dias da semana e basicamente não falava nem uma palavra. Passei a

considerar o andar de cima e o de baixo dois universos diferentes, governados por sentimentos opostos. No andar de cima, fazíamos o maior barulho sem nos preocupar. Craig e eu jogávamos bola e corríamos pelo apartamento. Borrifávamos lustra-móveis no assoalho de madeira do corredor para deslizar com as meias, muitas vezes batendo nas paredes. Lutávamos boxe na cozinha, usando pares de luvas que meu pai nos dera de Natal junto com instruções personalizadas de como dar um jab certo. À noite, em família, jogávamos jogos de tabuleiro, contávamos histórias e piadas e escutávamos discos do Jackson 5.

Quando ficava insuportável para Robbie, ela ia até o interruptor e ficava acendendo e apagando a luz da escada que compartilhávamos, e que também controlava a lâmpada do corredor do segundo andar — era seu jeito educado de pedir que parássemos com o barulho. (...)

Eu tinha uns quatro anos quando resolvi aprender a tocar piano. Craig, que estava no primeiro ano, já visitava o andar de baixo para tomar aulas semanais no piano vertical de Robbie, e voltava relativamente ileso. Achei que estava pronta. Estava convicta de que, na

verdade, já tinha aprendido piano por osmose — aquelas horas todas ouvindo as outras crianças tateando canções. A música já estava na minha cabeça. Eu só queria descer e demonstrar à minha exigente tia-avó que eu era uma menina muito talentosa, que não seria preciso esforço algum para me tornar sua melhor aluna. O piano de Robbie ficava em um quatinho nos fundos da casa, perto da janela que dava para o quintal. Ela deixava um vaso de planta em um canto do cômodo e no outro uma mesa dobrável onde os alunos podiam preencher partituras. Durante as aulas, Robbie se sentava de coluna ereta em uma cadeira estofada de

encosto alto, marcando o ritmo com um dedo, a cabeça erguida enquanto ficava atenta a qualquer erro. Eu tinha medo de Robbie? Não exatamente, mas algo nela era amedrontador: ela representava a autoridade rigorosa com que eu ainda não tinha me deparado em nenhum outro lugar. Exigia excelência de todas as crianças que se sentavam ao piano. Eu a enxergava como alguém a conquistar, ou talvez, de alguma forma, a vencer. Com ela, eu sempre sentia que tinha algo a provar. Na minha primeira aula, minhas pernas pendiam do banco, curtas demais para eu pisar no chão. Robbie me deu um livro de atividades básico, que me fascinou (...)"

Nota:

Os estilos aqui descritos são apenas inspirações de formatos de narrativa. Como cada história é única e cheia de particularidades, o seu estilo pode ser uma soma de dois, com uma influência de outro, ou pode ser um estilo adaptado, que utiliza artifícios de todos, ou de alguns.

Você é o autor, e também o diretor.

As histórias são livres, adaptáveis e cheias de momentos distintos. Sinta-se livre para se inspirar em algum dos nossos modelos, mas lembre-se, a sua história sempre terá o SEU estilo”

@da_capo_biografias
(11) 93229-3705
amandine.vilsoni@gmail.com

